

ARIELISMOS.

A visão de América em Oliveira Lima e José Enrique Rodó

Fabio Muruci dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A guerra de independência de Cuba, encerrada 1898 com a decisiva intervenção norte-americana, foi um acontecimento marcante para toda uma geração de intelectuais ibero-americanos. Em vários países do continente, o temor de que a emergente potência do norte pudesse ameaçar a autonomia dos países da região estimulou uma intensa produção de ensaios sobre as relações entre as duas Américas, seus respectivos processos de evolução histórica e o *ethos* cultural de cada uma. Mas a discussão não foi apenas uma reação circunstancial ao expansionismo norte-americano. Ela já estava em andamento como parte dos esforços para a superação do quadro de conflito endêmico que dominara a América hispânica após a Independência. Tratava-se de estabelecer modelos de ordem social e política que substituíssem o controle dos caudilhos sobre a vida republicana local. A república norte-americana poderia fornecer modelos nesse sentido desde que isso não implicasse uma ameaça à soberania continental. Tal dilema deu aos ensaios sobre a identidade americana na virada para o século XX uma característica ambigüidade em seu tratamento da vida política e social nos EUA.

Entre os muitos pontos de debate enfocados se destacam o da formação de novas elites políticas para combater o caudilhismo e se essas elites deveriam se alimentar das características político-culturais da tradição ibérica ou da anglo-americana. Esta é uma questão presente em boa parte dos principais escritos sobre a evolução histórica das Américas no período: a criação de um novo modelo de liderança para a América Ibérica. O tema se tornou particularmente recorrente a partir da publicação do opúsculo *Ariel* (1900), do uruguaio José Enrique Rodó. A noção ‘arielista’ de liderança se baseava na formação de elites esclarecidas, rigorosamente selecionadas entre o que havia de melhor na sociedade culta, que colocassem o serviço à causa pública acima das disputas partidárias ou da ambição de poder. Uma de suas principais funções seria reforçar os critérios legítimos de valor contra o falso igualitarismo que teria predominado nas repúblicas instáveis do oitocentos. O movimento ‘arielista’ se difundiu por toda a América Ibérica nas primeiras décadas do século XX mas assumiu uma ampla variedade de abordagens, desde o nacionalismo de direita até o indigenismo de esquerda¹. Cada uma dessas escolas produziu seus respectivos modelos de liderança, muitas vezes opostos uns aos outros.

Esse propósito teve fortes repercussões também no Brasil, especialmente após os governos militares no início da República². Nesse caso, destacamos o trabalho de Oliveira Lima por seu sistemático trabalho de comparação histórica entre as Américas ibérica e anglo-saxônica e pelos extensos comentários sobre a vida política e a sociedade nos EUA, feitos durante seu trabalho diplomático naquele país (1896-1900). Lima se demonstrou extremamente entusiasmado com o desenvolvimento econômico norte-americano e escreveu uma série de artigos para a *Revista Brasileira e Jornal do Comércio*, depois reunidos no livro *Nos Estados Unidos* (1899), com o fim de apresentar o que havia lá de útil para os brasileiros. Sua perspectiva seria de “melancolia com o muito que os Estados Unidos têm alcançado, e pelo pouco que nós temos relativamente feito”³. Posteriormente, Lima amenizaria sua visão crítica sobre a América Ibérica, especialmente a Hispânica, apresentada nesse livro e destacaria mais pontos positivos em comum com os EUA. Neste trabalho, porém, nos concentraremos nessa obra, que é praticamente contemporânea ao *Ariel* de Rodó. Nossa perspectiva é que Lima e Rodó compartilhavam importantes pontos em comum em sua abordagem geral, suficientes para designá-los com a rubrica “arielistas”, mas apresentam também divergências decisivas em vários pontos específicos. Nos concentraremos aqui nessas diferenças.

Em seus comentários sobre os EUA, Lima procurava um modelo de ordenamento social e político distinto daquele que havia predominado na América Hispânica do século XIX. Opunha o *ethos* anglo-americano ao ibérico, tomando o primeiro como raiz da estabilidade política e desenvolvimento material dos EUA. O ponto de partida dessa diferença e a origem da superioridade norte-americana estariam no predomínio de um certo tipo de ‘personalidade’ ibero-americana produzida pela Conquista espanhola e acentuada pela violenta luta de independência. A sede do ouro e o espírito de aventura dos conquistadores teriam impregnado todos os aspectos da vida local com uma tendência para o culto de personalidades extraordinárias, feitos heróicos e manifestações ostentatórias de expressão. A personalidade coletiva ibero-americana se tornou incapaz de valorizar valores como o equilíbrio e a ponderação. Aí estariam incluídos os brasileiros: “nós temos, talvez como reação à estrita regra latina, um fraco visível pelo desregrado, pelo desequilibrado”⁴. Esse gosto pelo excessivo teria estimulado a popularidade dos caudilhos no momento da Independência, enfraquecendo o poder das elites *criollas* ilustradas. O resultado foi a fragmentação das colônias espanholas em domínios de caudilhos locais em disputa.

Contra o modelo personalista de liderança na América Ibérica, Lima ressaltava as qualidades do modo progressivo e sincrônico da vida política norte-americana, cuja regularidade impedia explosões desordenadas e desestimulava a ação de aventureiros políticos. Nesse sentido, um modelo de liderança oposto ao dos caudilhos seria George Washington, cuja personalidade seria baseada no controle das emoções e na falta de ambição política pessoal:

O mérito de Washington consistia mais que tudo no comum extraordinário, se assim me posso exprimir, isto é, num conjunto de todas as virtudes de que é capaz a alma humana levadas ao seu extremo natural e perfeitamente ponderadas – e o nosso fanatismo presta somente culto ao indivíduo que apresenta uma ponta de sobrehumano, um traço espiritual exagerado, uma qualidade tornada desproporcionada e absorvente⁵.

A liderança de Washington seria despida de elementos de heroísmo e personalidade extraordinários, buscando exprimir sua exemplaridade através de uma dedicação cotidiana à causa pública e pelo equilíbrio das faculdades da mente, evitando que a ambição ou uma característica pessoal extremada se impusessem sobre o mecanismo da política. Da mesma forma que o personalismo marcou a vida política na América do Sul, o modelo washingtoniano predominante na independência norte-americana deu a trajetória dos EUA uma duradoura regularidade. Lima valorizava intensamente o ritmo progressivo, não-revolucionário das mudanças da história norte-americana, as quais teriam criado um sistema social organizado e funcional: “nada há de mais parecido com a opinião de um Americano que a de outro Americano. É mesmo o que torna possível a exemplar disciplina política nesta enorme comunidade”⁶. A homogeneidade da vida nos EUA, que cinquenta anos antes Tocqueville havia apontado como uma das principais ameaças ao futuro da democracia local, é valorizada por Lima como um perfil coletivo adequado para a manutenção da democracia.

A evolução progressiva da democracia norte-americana teria resultado em uma relação harmônica entre as classes, já que todas compartilhariam algumas crenças comuns. Entre elas a hegemônica seria a do *self-made man*, a crença no enriquecimento justo através do trabalho perseverante e do talento pessoal. Lima viveu nos EUA em uma época de crescente concentração de riqueza, à medida que a economia do país se industrializava e se ampliava o operariado. Foi um período de intenso debate na sociedade norte-americana sobre o tema do sucesso pessoal. Uma série de ensaios e obras literárias questionava se o poder dos grandes magnatas da indústria era um resultado justo do esforço dos mais talentosos ou, ao contrário, uma barreira contra a ascensão contínua de novos talentos⁷. Dependendo do ângulo de avaliação, a riqueza desproporcional de Rockefeller ou Carnegie podia ser vista como uma prova do sucesso da igualdade de oportunidades ou como a destruição dela por um sistema concentrador e elitista. Lima tendia a optar pela primeira abordagem. A plutocracia da indústria provaria a eficiência da democracia norte-americana:

...uma plutocracia fundada muito mais na recompensa do esforço individual do que no mero acaso, em que o trabalhador tem autonomia e confiança e espera melhorar de condição tendo diante de si o exemplo de seu patrão ou antes do seu camarada de ontem; de uma coletividade com robustez porque tem fé, fé em Deus e fé em si própria⁸.

Ao adotar essa abordagem, Lima não estava apenas legitimando um arranjo específico de classe mas estava interessado na função política que essa nova elite tinha na república norte-americana. Ela seria notável por ser produto da homogeneidade de valores predominante nos EUA em torno do mérito da vitória por esforço próprio e autodisciplina. Assim, podia comentar: “Não há quase ricos inúteis, assim como não há quase elegantes ociosos”⁹. A disciplina e homogeneidade se oporiam ao gosto ibérico pela aventura e personalismo, com resultados bem mais positivos. Vitoriosos pelo talento e habilidade no mundo dos negócios, a plutocracia ganhava legitimidade para exercer um papel informal como elite dirigente através de sua influência como modelo de sucesso. Por isso, Lima não deixava de aprovar uma abordagem darwinista social sobre o papel do sucesso nas sociedades, minimizando os terríveis resultados da concorrência selvagem na *Gilded Age*, a era dos grandes barões da indústria: “Estes senões são inseparáveis, constituem a trama da eterna contenda sobre que Darwin edificou o seu sistema de filosofia natural”¹⁰. O poder plutocrático seria um produto natural da seleção, vitória dos mais aptos, permitida pelo pleno funcionamento de uma democracia estável e bem regulada. Devido à ampla difusão da crença no *self-made man*, o campo da concorrência econômica seria o mais propício para produzir elites com legitimidade suficiente para dar continuidade ao fantástico crescimento econômico norte-americano sem ameaçar a regularidade da história democrática local. Nesse sentido, a ‘república dos barões’, mesmo que plutocrática, não seria uma degradação da república norte-americana criada em 1776 mas sim sua atualização e conclusão lógica para uma época de massas:

Os **multi-millionaires** constituem em certo sentido a aristocracia desta democracia, cabendo-lhes tal nome pela situação culminante que legitimamente ocupam na hierarquia, e também pelo influxo que naturalmente deles recebe toda a vida pública¹¹.

No *Ariel* de Rodó temos uma avaliação bastante diferente dos EUA de fins do século XIX. Se Lima havia escrito para informar “o que de aproveitável para nós poderia, a meu ver, resultar do exame e da confrontação”¹² entre Brasil e EUA, Rodó dizia escrever um alerta contra os entusiastas do modelo norte-americano que queriam “uma América *deslatinizada* por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo regenerada à imagem e semelhança do arquétipo do Norte”¹³. No período que estamos enfocando da obra dos dois autores, Rodó tinha uma visão muito mais positiva da história e do *ethos* ibero-americano do que Lima. Mas, antes de entrarmos na análise de suas discordâncias, é preciso destacar alguns pontos em comum. Rodó também estava preocupado em buscar um modelo de ordem política que contivesse os conflitos civis constantes na América Hispânica. Na época da redação de *Ariel*, o Uruguai estava passando por um ciclo de revoltas armadas recorrentes. Seu propósito era definir o tipo de cultura política mais adequado para estabelecer um sistema democrático estável na América Hispânica, impermeável à demagogia política. Assim, também concentrou sua reflexão sobre os tipos possíveis de liderança e o tipo de

valores que lhe confeririam legitimidade no quadro americano, concordando com Lima na necessidade de uma elite influente, cujo exemplo desse solidez ao sistema democrático:

Racionalmente concebida, a democracia admite sempre um imprescritível elemento aristocrático, que consiste em estabelecer a superioridade dos melhores, assegurando-a sobre o consentimento dos associados¹⁴.

A necessidade estabelecer um processo seletivo para a produção de elites políticas e o papel que a exemplaridade deveria ter na legitimação social de seu poder eram idéias comuns aos dois autores que estamos discutindo. Mas os critérios do que deveria ser julgado exemplar e o sucesso dos EUA em alcançar estes critérios colocavam Lima e Rodó em posições praticamente opostas. Rodó não acreditava que a república norte-americana tivesse superado os perigos anunciados por Tocqueville mas, ao contrário, teria sucumbido definitivamente diante deles. A homogeneidade e a mediocridade seriam problemas endêmicos da vida política dos EUA, ainda mais acentuados a partir da industrialização.

O ponto central da crítica rodoniana é o triunfo do utilitarismo como princípio organizador da vida norte-americana, não só a econômica mas a política e a religiosa. Na origem do *ethos* anglo-saxão estaria um momento fundador repressivo, que frustrou os aspectos mais criativos e belos da civilização anglo-germânica. O agente repressivo que criou a personalidade anglo-americana teria sido o puritanismo:

... a seita triste que, impondo seu espírito a partir do Parlamento inglês (...) mandou extinguir as festas que manifestassem alegria e cortar as árvores que dessem flores (...) uma sombra de morte que a Inglaterra ainda não conjurou de todo, e que perdura nas manifestações menos agradáveis de sua religiosidade e de seus costumes¹⁵.

O princípio do *self-control*, que para Lima teria dado base para a regularidade da sociedade norte-americana, dando sustentação para seu duradouro sistema democrático, em Rodó aparece como um elemento banalizador do espírito criativo, especialmente o estético. A repressão dos aspectos mais lúdicos da personalidade em favor da disciplina, especialmente quando esta última é voltada para o desejo aquisitivo, teria criado nos EUA uma personalidade coletiva repetitiva e unidimensional, incapaz de abrir espaço para a exploração das diversas faculdades que compõem o espírito humano.

Na percepção de Rodó, a homogeneidade seria um limitador das singularidades. E somente o estímulo da singularidade poderia produzir os líderes capazes de servir de referência para a sociedade e legitimar uma ordem política democrática seletiva baseada no consentimento. Nesse sentido, seu modelo de exemplaridade seria oferecido por líderes dotados de virtudes e habilidades

notáveis, o tipo de originalidade que uma sociedade homogênea de massas, como os EUA, seria incapaz de produzir:

A oposição entre o regime da democracia e a alta vida do espírito é uma realidade fatal quando esse regime significa o desconhecimento das desigualdades legítimas e a substituição da fé no *heroísmo* – na acepção de Carlyle – por uma concepção mecânica de governo¹⁶.

A padronização da sociedade norte-americana, que já estaria anunciada desde seu momento fundador, teria sido ainda mais acentuada pela industrialização, que subordinou toda a sociedade aos princípios da atividade mecânica, como o operário que, “com a divisão do trabalho na fábrica, é obrigado a consumir todas as energias de sua vida na invariável operação de um detalhe mecânico”¹⁷. Presos a um regime de autodisciplina e homogeneidade, os norte-americanos seriam incapazes de encontrar tempo livre para a atividade espiritual desinteressada e criativa, necessária para a plena realização de sua humanidade:

Pensar, sonhar, admirar: tais são os nomes dos etéreos visitantes de minha sala. Os antigos os classificavam dentro de sua nobre concepção do *ócio*, que consideravam como o mais elevado emprego de uma existência verdadeiramente racional, identificando-o com a liberdade de pensamento emancipado de todo jugo ignóbil. O ócio nobre era o investimento do tempo que contrapunham, como expressão da vida superior, à atividade econômica. Vinculando sua concepção da dignidade da vida exclusivamente a essa idéia elevada e aristocrática de descanso, o espírito clássico encontra sua retificação e seu complemento em nossa moderna crença na dignidade do trabalho útil¹⁸.

Enquanto Lima considerava o sistema de seleção baseado no sucesso econômico do *self-made man* como o mais bem sucedido em produzir lideranças capazes de equilibrar democracia com ordem política, Rodó negava que o fator econômico devesse ser o critério predominante para a seleção de elites. De fato, como podemos concluir pela passagem acima, os ‘barões’ da indústria norte-americana seriam o modelo mais adverso possível ao seu critério de liderança. Seguindo uma versão idealizada das aristocracias antigas, especialmente as da *polis* grega, seria exatamente no momento em que a atividade econômica cessa que o homem teria condições para se entregar ao trabalho pelo bem público, movido apenas pela virtude desinteressada. No quadro da vida norte-americana da era industrial nem os magnatas, envolvidos na competição darwinista brutal, nem os trabalhadores, submetidos ao regime mecânico da linha de produção, poderiam encontrar condições para esse ócio humanizador.

O regime de domínio absoluto do *homo oeconomicus* estaria minando a virtude como fator de legitimação da república norte-americana: “O valor cívico, a velha virtude dos Hamilton, é uma lâmina de aço que se oxida, cada dia mais esquecida, entre as teias de aranha das tradições”¹⁹.

Nesse sentido, Rodó conclui que o modelo de República construído pelos Pais Fundadores norte-americanos estaria dando claros sinais de deterioração:

A influência política de uma plutocracia representada pelos todo-poderosos aliados dos trustes, monopolizadores da produção e donos da vida econômica (...) traz à lembrança, de maneira muito provavelmente oportuna, o surgimento da classe enriquecida e soberba que, nos últimos tempos da república romana, foi um dos antecedentes visíveis da ruína da liberdade e da tirania dos Césares. E a preocupação exclusiva com o engrandecimento material – numa daquela civilização – impõe assim a lógica de seus resultados na vida política, bem como em todas as ordens de atividade, conferindo o primeiro lugar ao *struggle-for-life* ousado e astuto, convertido pela brutal eficácia de seu esforço na suprema personificação da energia nacional²⁰.

As posições de Lima e Rodó sobre a vigência do modelo republicano norte-americano, em suas primeiras obras, eram praticamente opostas, apesar do propósito comum de buscar modelos de liderança que sustentassem um sistema democrático capaz de preservar certos valores hierárquicos. Em ambos, a legitimidade hierárquica das novas elites ibero-americanas deveria ser baseada no consentimento e no exemplo em vez da força ou de direitos adquiridos. Mas as respectivas concepções sobre as fontes de legitimidade eram bastante diferentes, expressando duas concepções de República presentes no debate ibero-americano do fim do século XIX. Em ambos os casos, porém, predomina uma intensa desconfiança sobre a capacidade de sociedades ibero-americanas não guiadas por elites tutelares de desenvolver uma vida democrática estável.

NOTAS

¹ VALDÉS, Eduardo Deves. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*. Buenos Aires: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

² PAMPLONA, Marco Antônio. “Una perspectiva 'Arielista' entre los hombres públicos brasilenõs de fin de siglo: Joaquim Nabuco y Oliveira Lima” In: *Estados Unidos desde América Latina: sociedad, política y cultura*. México: Colegio de México, 1995.

³ LIMA, Oliveira. *Nos Estados Unidos (Impressões políticas e sociais)*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1899, p. 17.

⁴ IDEM, p. 11.

⁵ IBIDEM, p. 11.

⁶ IBIDEM, p. 112.

⁷ CAWELTI, John G. *Apostles of the self-made man. Changing concepts of success in America*. Chicago / Londres: The University of Chicago Press, 1972.

⁸ LIMA, Oliveira. *Nos Estados Unidos*, p. 169.

⁹ IDEM, p. 106.

¹⁰ IBIDEM, p. 107.

¹¹ IBIDEM, p. 198.

¹² IBIDEM, p. 17.

¹³ RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Unicamp, 1991, p. 70.

¹⁴ IDEM, p. 64.

¹⁵ IBIDEM, p. 43.

¹⁶ IBIDEM, p. 55.

¹⁷ IBIDEM, p. 29.

¹⁸ IBIDEM, p. 36.

¹⁹ IBIDEM, p. 87.

²⁰ IBIDEM, p. 88.